

O LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DOS CÍRCULOS DE LEITURA

Aline Souza de Jesus*

Um dos mais importantes aprendizados que o ser humano necessita, a leitura desdobra-se em várias instâncias, entre elas, a que abordaremos especificamente é a leitura literária e a formação do leitor a partir do letramento literário, seguindo a metodologia dos círculos de leitura. Este artigo aborda, à luz de autores como Abreu (2006); Cosson (2014); Soares (1998) e Zilberman (1998) dentre outros, a literatura, a leitura, o conceito de letramento e letramento literário, ressaltando a importância do letramento literário na formação dos leitores. Destaca também o papel da escola nessa formação, a metodologia dos círculos de leitura e como sua aplicação pode conduzir os alunos à leitura significativa de obras literárias variadas, constituindo artifício para efetivar o letramento literário no ensino fundamental II.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Letramento literário; Círculos de leitura

INTRODUÇÃO

Não é nenhuma novidade o fato de a leitura ser importante na formação do ser humano, também não é nova a necessidade de se formar leitores. Durante muito tempo, essa necessidade de dar atenção à leitura se restringia em melhorar os altos índices de analfabetismo do país. Essa preocupação somente com o ler e escrever, entretanto não preenche mais os requisitos sociais, como afirma Soares (1998, p. 20)

[...] só recentemente passamos a enfrentar essa nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo letramento (que, como já foi dito, vem se tornando de uso recorrente em detrimento do termo alfabetismo).

É preciso mais. É preciso, além de ler e escrever, ser capaz de compreender o que foi lido, de inferir e interferir na leitura, ser capaz de sair da leitura da palavra para a leitura do mundo e de si mesmo de um modo diferente, é preciso agora sermos muito mais letrados que alfabetizados. Mas, para que as mudanças sejam concretizadas, o conceito de letramento e letramento literário precisa ser bem assimilado. Urge encontrar meios para que este letramento literário efetivamente aconteça, ajudando assim a formar verdadeiros leitores. Com esse objetivo, os círculos de leitura podem ser considerados uma estratégia de grande valia.

Com o objetivo de viabilizar caminhos para a formação do leitor de literatura com base no letramento literário, este artigo organiza-se em quatro seções que se integram. A

* Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. E-mail: alinesj84@hotmail.com

primeira discorrerá sobre a leitura e o papel da escola na formação do leitor. A segunda tentará esclarecer os conceitos de letramento e letramento literário. A terceira explicitará a metodologia dos círculos de leitura e a última pretende propor a aplicação do círculo de leitura em turmas do 6º ano do ensino fundamental II como forma de viabilizar o letramento literário.

1 leitura, escola e literatura: equidade na função formadora do indivíduo

“A leitura leva-nos a viajar por mundos desconhecidos e vastos”, “a leitura diverte, tira-nos da monotonia”, “a leitura eleva a alma”, “a leitura tira-nos da mediocridade”, “a leitura amplia as margens do mundo e de nós mesmos”, afirmações como estas são comuns quando se trata dos benefícios que a leitura pode trazer ao indivíduo. Alguns chegaram a tornar-se clichês, de tão reproduzidos sedimentaram-se, tornaram-se verdades profundas sobre as quais se fazem necessárias constantes reflexões.

O senso comum, sem o pejorativo da expressão, reforça o bem que a leitura pode trazer. A valorização desse processo e a viabilização das benesses dessa leitura ao público leitor, entretanto, fica nas mãos de poucos. Dentre todos os responsáveis por viabilizar essa aprendizagem, à escola – e dentro dela o professor -, como instituição própria à construção sistemática do conhecimento, cabe a função maior de permitir o acesso dos indivíduos a essa prática. A esse respeito, Silva (2010, p.16) diz:

A escola é hoje, e desde muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita, utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimentos.

O papel da escola na formação do leitor é de suma importância e em seus mecanismos de constituição, a participação do professor é indispensável, pois “o professor é o intelectual que delimita todos os quadrantes do terreno da leitura escolar” (SILVA, 2010, p. 19). Sem seu envolvimento e atuação, a formação de leitores maduros e assíduos dificilmente chegará a acontecer.

Mas de que leitura estamos falando? Falar de leitura da palavra é muito amplo considerando-se a variedade de gêneros e tipos de textos que estão à nossa disposição em vários veículos de comunicação. A leitura dos livros, a leitura de literatura, a leitura literária é a que nos cabe aqui. Em meio às urgências e transitoriedades da contemporaneidade tecnológica à qual estamos imersos, a leitura de literatura, talvez por demandar quietude,

contemplação e reflexão, tem perdido espaço, tem deixado de exercer seu papel formador, seu papel constitutivo da identidade do ser.

É preciso destacar que a literatura à qual nos referimos é a literatura em sua concepção mais ampla, a literatura que prima por valorizar aquilo que é arte escrita, que respeita o leitor como alguém que pode escolher seus caminhos literários por aquilo que mais lhe apraz ler, seja um cordel, seja um romance “água com açúcar”, seja um considerado clássico da literatura nacional ou internacional, o que realmente importa é considerar que, como defende Cosson (2014, p. 47)

A literatura não pode ser reduzida ao sistema canônico. Na verdade [...] ela é constituída por um conjunto de sistemas. Trata-se, pois, de um polissistema, que compreende as várias manifestações literárias. Esses sistemas, em conjunto com o sistema canônico, precisam ser contemplados na escola, assim como as ligações que mantêm com outras artes e saberes. É essa visão mais ampla da literatura que deve guiar o professor na seleção das obras.

Tendo em vista que a literatura não pode e não deve ser tomada como atribuição dada a apenas algumas obras, selecionadas por uma elite intelectual e desprezando outros tipos de produção literária, cumpre que se abra espaço para a diversidade de textos e leituras, garantindo assim o espaço do outro, alargando o que se conhece da própria cultura e da cultura alheia (ABREU, 2006, p. 111).

Ampliar seu universo leitor, ampliar suas concepções quanto às “verdades” a que tiveram acesso, reforçar suas conexões com a própria história, sair das margens de si mesmo para alargar sua visão de mundo, são passos que os alunos não dão sozinhos, ao menos no início, a escola, o professor, a educação são os responsáveis por solidificá-los, por atestar sua firmeza, por guiá-los sob a luz da leitura. Cumprido o papel formador da leitura e da literatura viabilizados pela escola, o aluno, indivíduo, agora senhor de si e de suas leituras, pode alçar voos mais altos, independentes e seguros para a amplidão mundo em volta.

2 O letramento e o letramento literário

A mudança nas exigências sociais sobre as práticas de leitura e escrita exigiram uma nova palavra para designá-la. Não cabia no termo alfabetização a amplitude de ir além da decodificação das palavras. Diante dessas mudanças, nota-se que estar alfabetizado e ser letrado tem diferenças relevantes. Sair do estado de analfabetismo, aprender a ler e a escrever, não constitui automaticamente uma transição para o letramento. Se alguém aprende a ler e a

escrever está alfabetizada, mas não pratica a leitura e a escrita, vivendo no estado ou condição de quem sabe ler e escrever, não pode ser considerada letrada (SOARES, 1998).

Estabelecer essas diferenças entre alfabetização e letramento só se faz necessário porque ainda não chegamos, na educação brasileira, ao ideal que seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 1998). Algumas mudanças em nossas exigências em relação à avaliação do nível educacional dos nossos cidadãos precisa ser reavaliada e reestruturada para que notemos alguma evolução, pois, como afirma Soares (1998, p. 22)

[...] a avaliação do nível de letramento, e não apenas da presença ou não da capacidade de escrever ou ler (o índice de alfabetização) é o que se faz em países desenvolvidos, em que a escolaridade básica é realmente obrigatória e realmente universal, e se presume, pois que toda a população terá adquirido a capacidade de ler e escrever.

Definir letramento, apesar de necessário, não é suficiente. Concebê-lo como a capacidade do leitor de exercer sua aptidão para ler e escrever nas diversas práticas sociais de que dispomos, leva-nos a atribuir o plural ao nome e em vez de letramento, seria mais adequado chamarmos letramentos, já que há vários níveis e diferentes tipos de letramentos como letramento digital, letramento informacional, letramento midiático, letramento financeiro e letramento visual (SOUZA; COSSON, 2011). Dessa forma, ao se tratar da leitura, há um tipo de letramento específico que é o letramento literário.

Muito mais que tornar alguém apto à construção de sentidos em determinada área, como é o caso dos letramentos citados anteriormente, o letramento literário objetiva dotar o leitor da capacidade não apenas de ler textos literários, mas de lê-los, compreendê-los e apreciá-los. Esse letramento efetivamente acontece quando essa apreciação passa a ser espontânea, associada ao prazer e à valorização estética, sem a necessidade da mediação da escola, mas pelo valor inerente que passa a ser atribuído pelo leitor à obra literária.

Antes porém, que o leitor chegue a essa maturidade de leitor literário, ou seja, letrado literariamente, a escola precisa cumprir seu papel de formadora. Conforme Cosson (2014, p. 23) “o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. Compreendemos então que a questão não é a quem cabe o papel de formar o leitor literariamente, mas como fazê-lo sem guiar o aluno por estratégias que mais o afastam que aproximam da leitura e do gosto pela literatura. Conforme Cosson (2014, p.92)

[...] para começar a fazer da leitura literária na escola (e fora dela também) um diálogo, uma conversa, com a experiência do outro – que é de fato o que define a leitura – cumpre, portanto, em primeiro lugar, esclarecermos sempre o que estamos lendo quando lemos um texto literário e o modo como realizamos essa leitura. Até porque, [...] assim como os labirintos, tem muitas entradas e uma saída que precisa ser construída na própria caminhada da leitura – interação verbal que toda leitura literária requer.

O fundamental é que o processo de letramento literário seja planejado tendo como centro a formação do aluno de modo a levá-lo a vivenciar a literatura prazerosamente, mas sem perder o compromisso de deixar claras as razões da leitura efetiva dos textos literários, garantindo a função essencial de fazer uso da palavra, que feita arte, nos torna mais humanos.

3 Círculos de leitura: viabilizando o letramento literário

Diante da realidade atual em que tantas pesquisas divulgam que a leitura tem se tornado um dos últimos recursos aos quais os jovens recorrem em seus momentos de lazer, formar leitores constitui um desafio para os professores de Língua Portuguesa. Esta realidade, entretanto, não deve ser motivo para que este afastamento da leitura seja cada vez maior. É preciso encontrar estratégias significativas que seduzam os alunos para a arte da palavra, senão sem resistência, ao menos com a predisposição a diminuí-la. Neste sentido, Rildo Cosson (2014), em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário*, propõe a metodologia dos círculos de leitura como forma de constituição de comunidade de leitores e viabilização do letramento literário.

De acordo com Cosson (2014), um dos modelos de círculo de leitura mais conhecidos é o “círculo de literatura” proposto por Harvey Daniels, especialista norte-americano em formação de leitores. O especialista defende com base no círculo, uma atividade de leitura independente em que grupos de alunos se reúnem para a discussão de uma obra. Sua estratégia tem algumas características essenciais: os alunos escolhem a obra que vão ler; os grupos são pequenos, temporários e leem diferentes obras ao mesmo tempo, durante a leitura devem ser feitos registros para servir de base às discussões sobre a obra, o professor tem o papel de facilitador, mediador do processo, a avaliação acontece por meio da autoavaliação e observação do aluno, a diversão é a tônica das aulas do círculo de literatura e novos grupos se formam a partir da seleção das obras para leitura.

Dentro do processo proposto por Daniels, o registro tem especial importância, pois a partir dele, o aluno pode ter um precioso histórico e impressões de suas leituras, além de servir de meio para avaliação do professor quanto à compreensão e dificuldades de leitura dos alunos

durante as leituras, possibilitando assim que possa fazer as intervenções quando necessário. Em relação ao registro das leituras, Daniels propõe que sejam feitas fichas de função. “Elas consistem em uma espécie de ficha de leitura que o aluno deve preencher a partir de determinada função que assume no grupo. As folhas são elaboradas pelo professor e o grupo as distribui entre os colegas, preferencialmente alterando as funções” (COSSON, 2014, p. 142). As funções são variadas: o *conector* – liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento; o *questionador* – prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?; o *Iluminador de passagens* – escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto; o *Ilustrador* – traz imagens para ilustrar o texto; o *Dicionarista* – escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para o texto; o *Sintetizador* – sumariza o texto; o *Pesquisador* – busca informações contextuais que são relevantes para o texto; o *Cenógrafo* – descreve as cenas principais e o *Perfilador* – traça um perfil das personagens mais interessantes (DANIELS 2002, apud COSSON 2014).

É notável que a implantação desta metodologia pode viabilizar o letramento literário, ou seja, a construção significativa da formação leitora e que círculo de leitura propicia a criação de comunidades de leitores que valorizam a leitura e o leitor. O que não se pode perder de vista é que para que isso aconteça com sucesso, professor e aluno precisam se envolver, compreendendo que é uma atividade que exige planejamento e observação constantes para que se torne um instrumento para o letramento literário que valorize tanto o instrumento de trabalho, o livro e o leitor, quanto os trabalhadores, o professor e os alunos.

4 Implantação do círculo de leitura para o letramento literário no 6º ano do Ensino Fundamental II

Seguindo a metodologia do círculo de literatura orientada por Cosson (2014), adaptaremos suas orientações de modo a torná-las funcionais para a aplicação em turmas de 6º ano do Ensino Fundamental II. O que propomos é um círculo de leitura composto de cinco etapas: a sondagem, a motivação, a preparação, a execução e avaliação.

Na primeira etapa, a sondagem, o professor guia inicialmente uma conversa simples a partir de algumas questões centrais como: “O que é a leitura?”, “quem gosta de ler? Por quê?”, “Você considera ler importante? Por quê?”, “quem tem o hábito de ler em casa?”. Depois do debate, sugerimos a leitura de um texto que relate a experiência de leitura, mas que

em si seja um texto bem estruturado. Após a leitura, abre-se uma discussão acerca das impressões dos alunos quanto à experiência da leitura relatada pelo autor.

Sondados e provocados os alunos, passamos para a segunda etapa: a motivação. Aqui o objetivo é, de modo lúdico, seduzir os alunos para a leitura. Essa sedução pode se dar de várias formas, por meio de dinâmicas, de música, de vídeos ou filmes, ou outro recurso que o professor julgue viável. Nossa indicação é o vídeo *the fantastic flying books of mr Morris Lessmore* (O fantástico mundo dos livros voadores do Sr. Morris Lessmore), Esse curta de quinze minutos, pode constituir-se em grande elemento motivador para o início do círculo de leitura e para o início da reconstrução de conceitos acerca da leitura por parte dos alunos.

Concluída a segunda etapa, a terceira está pronta para acontecer: a preparação. Esta etapa é muito importante para que o círculo de leitura seja bem sucedido. O professor seleciona os textos adequados à comunidade de leitores - neste caso o 6º ano. A utilização de livros da biblioteca da escola pode resolver a dificuldade do acesso ao livro de grande parte dos alunos da rede pública. Tendo feito essas escolhas, o professor leva os livros para a sala para que os alunos possam escolher o que ler dentre aquelas opções. De acordo com as escolhas dos alunos, os grupos são formados a partir obras de mesmo título. É importante que as opções selecionadas contemplem diferentes níveis de dificuldade de leitura da turma e que tenham uma proximidade temática, de estilo ou qualquer outro meio que leve os alunos a notarem o diálogo entre as obras.

Depois de divididos os grupos e distribuídos os livros, o professor apresenta à turma o cronograma de encontros para a discussão das leituras. A discussão de uma obra pode ser feita na íntegra em um encontro se sua extensão for curta, demandando mais de um encontro caso seja mais longa ou de maior dificuldade. Considerando que nas turmas de 6º ano, de modo geral, não estamos lidando com leitores maduros, o professor deve estabelecer um cronograma com encontros semanais ou quinzenais destinados à discussão das obras. É importante ainda que não haja alterações no calendário para que os alunos possam perceber a seriedade e a importância do círculo de leitura. Os encontros podem ser realizados em sala de aula, na biblioteca ou na sala de leitura, a depender da disponibilidade destes ambientes e da quantidade de alunos. O ambiente a ser utilizado também deverá ser definido no calendário apresentado à turma.

Por último, nesta etapa de preparação, é preciso definir as funções de cada participante durante as reuniões e as regras a serem cumpridas. Quanto às funções, nos referimos às fichas de função anteriormente mencionadas. Não utilizaremos todas, apenas as mais importantes. Como os grupos são em média de quatro alunos, sugerimos que as funções sejam as de

Conector, Questionador, Iluminador de passagens e Ilustrador. Quanto as regras, devem referir-se à convivência, à postura durante as discussões, à seriedade e ao respeito às opiniões dos colegas. Estas podem ser definidas juntamente com a turma, registradas em um cartaz e fixadas na parede da sala sempre ao alcance dos olhos de todos.

A execução constitui a quarta etapa e objetiva colocar o círculo de leitura em ação. Esta etapa subdivide-se em alguns passos: A leitura, o registro, socialização, a troca e a produção. No primeiro passo, os alunos começam efetivamente a ler as obras escolhidas. No segundo passo, o aluno faz o registro. O registro é feito em um *Diário de leituras*, solicitado com antecedência e com sua função claramente compreendida pelos alunos, onde devem primeiramente fazer as anotações técnicas básicas, como o nome da obra e do autor e alguma outra informação que julgar importante, destacar partes interessantes do livro e dar ênfase à função (relacionada à ficha de função especificada anteriormente) pela qual ficou responsável e as impressões finais sobre a leitura.

A socialização², o terceiro passo, acontece seguindo a seguinte organização: O professor introduz a reunião falando brevemente sobre a importância do contato com a leitura, sua função transformadora na vida do homem e reforçando as regras preestabelecidas. Nos grupos formados, cada componente, portando o Diário de leitura que utilizará como guia, socializa suas impressões sobre a leitura da obra, enfatizando seu comentário de acordo com a função a ele atribuída.

Ao fim das discussões e da socialização das leituras, acontece a troca dos livros com o intuito de muni-los de novas obras para a leitura e começar uma nova rodada do círculo de leitura. O professor pode decidir se os grupos permanecem os mesmos, trocando apenas de livro com outro grupo, ou se os alunos trocam de livros entre si e tem os grupos alterados quando se reunirem novamente a partir das escolhas feitas.

Como último passo da execução, temos a produção. Depois de encerrada a socialização dos grupos, e feitas as trocas dos livros, os alunos são orientados a produzirem uma atividade escrita especificada pelo professor referente à leitura realizada, podendo ser um ou mais de um gênero e tipo. A exposição dessas produções pode ser feita tanto dentro do planejamento da semana, solicitando a leitura oral dos textos, quanto ao fim do bimestre (servindo de culminância do círculo) por meio de saraus, apresentação dos textos por meio de

² Em relação a este passo da execução, o tempo é um fator importante quando se trata dos círculos estruturados, especialmente quando ocorrem na escola que se organiza por tempo de aula. Logo, o ideal é que a socialização leve em torno de uma ou duas aulas a depender do tempo gasto pelos grupos no diálogo.

vídeos, encenações teatrais recriando os finais da história, entre outras tantas formas de valorizar os escritos dos alunos.

A última etapa do círculo de leituras é a avaliação. Esta pode focar os registros dos diários de leitura, as anotações feitas pelo professor durante as reuniões, o compartilhamento e produção dos textos finais, tendo como foco pontuar questões que levem os grupos a aprimorarem suas práticas para os círculos dos bimestres seguintes. O importante no processo de avaliação é que seja ressaltada a singularidade do encontro do leitor com a obra, tomando a leitura como atividade ao mesmo tempo formadora e prazerosa como ponto principal do círculo de leitura e não a avaliação em si. Dessa forma, o papel da leitura é bem compreendido, tem significado e cumpre seu papel na construção da identidade leitora dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formar leitores é uma incumbência de grande responsabilidade. Proporcionar aos alunos a capacidade de se tornarem leitores independentes e autônomos que pratiquem uma leitura significativa das obras com que têm contato é trabalho árduo e contínuo que exige muito, especialmente do professor. Muito além de aproximar os alunos da leitura, fazer com que a ela faça parte significativamente do mundo dos alunos por meio do letramento literário é o que realmente faz um processo educativo efetivar-se dignamente.

Devemos ter a consciência de que a verdadeira leitura é aquela que liberta, que vai além dos muros da escola, que ajuda a construir o mundo do indivíduo, mas não devemos nos esquecer de que é na escola que esta liberdade se inicia e é aprendida, pois, como genialmente afirma Lajolo (2008, p. 7)

[...] aprende-se a ler à medida em que se vive. Se *ler livros* geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura do voo das arribações que indicam a seca – como sabe quem lê *Vidas secas* de Graciliano Ramos – independe da aprendizagem formal e perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.

É pensando na escola como um começo para os grandes voos que os círculos de leitura constituem um meio de prover o letramento literário aos nossos alunos do Ensino Fundamental II. Ter escolhido o 6º ano como amostragem para sua aplicação não lhe restringe

o alcance que pode ser estendido até o Ensino Médio e onde mais se puder constituir comunidades de leitores.

O importante mesmo é que tenhamos a consciência de que formar leitores cuja leitura seja significativa para sua constituição como indivíduo no mundo e com o mundo depende de estratégias que precisam ser experimentadas, reformuladas uma, outra e mais outra vez a fim de que a construção do ser leitor progrida gradualmente, passo a passo e que as amarras das futilidades contemporâneas vão se soltando e abrindo espaço para as leituras que lhes libertem para serem efetivamente leitores de si, da palavra e do mundo como um todo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BERCHARA, Evanildo. **Dicionário de Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- COSSON, RILDO. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2014.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- OLDEMBURG, Brendon; JOYCE, Willian. **The fantastic flying books of mr. Morris Lessmore**. 2012. Disponível em: <http://www.cinemasemerros.com.br/2013/02/curta-the-fantastic-flying-books-of-mr-morris-lessmore.html> Acesso em: 08 de jul. 2014.
- SILVA, Ezequiel Teodoro. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. Letramento literário: propostas para a sala de aula. **Acervo digital UNESP**. P. 101 a 107. Publicado em 15 de Ago. 2011. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40143> Acesso em: 01/07/2014.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10 ed. São Paulo: Global, 1998.